

Revitalização do centro de Vitória

AD20229
Douglas Cerqueira Gonçalves

A dinâmica, a configuração e o perfil das cidades, num contexto macro, e das áreas urbanas, num contexto micro, são resultantes de um número sem

fim de agentes e fatores socioeconômicos, cujo desenvolvimento pode estar equilibrado, em conflito ou em competição. Para se situar numa posição ou outra só depende da própria estruturação interna.

A sucessão de efeitos desencadeados pelos desdobramentos naturais do desenvolvimento urbano ou pelas ações realizadas na área é o que, em última análise, vai determinar a harmonia, os confrontos e a eficácia dessas mesmas ações. É um duplo movimento, interno e externo.

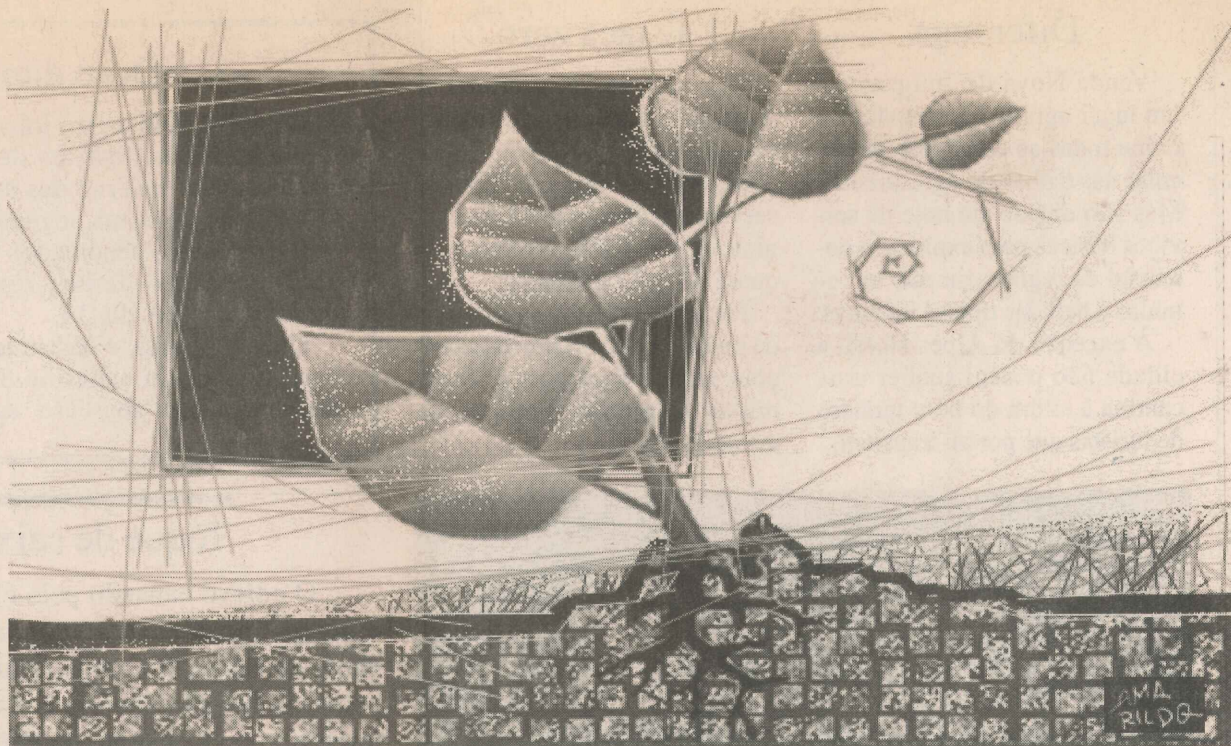
Se a dinâmica de um movimento aponta para o lado do deterioramento de certa área urbana se deve compreender suas razões, suas condições e a velocidade intrínseca ao processo. E se não são introduzidas políticas para revertê-la, se desenvolve cada vez mais acelerada, como numa progressão geométrica ou como efeitos que se multiplicam sobre efeitos. Como juros sobre juros... uma bola de neve.

Não é difícil concluir que o processo de degradação é nada mais, nada menos, que o desinteresse, momentâneo ou continuado, pelo objeto degradado. Só se degrada aquilo que é deixado de lado, sem cuidado, sem manutenção ou sem renovação. E neste processo somos todos atores e co-partícipes, para não dizer responsáveis.

No entanto, as mesmas forças que atuam no sentido negativo para a degradação, quando são bem-acionadas, podem ser canalizadas no sentido positivo de revitalização.

Revitalizar é sinônimo de ganhar. Lentamente ou aceleradamente, mas ao fim e ao cabo é um sentimento de ganho: de um estado de espírito, de uma cultura, de um sentimento positivo, de um espaço, de uma área urbana rejeitada. É revitalizar a própria autoestima tanto do morador quanto do usuário. É a recuperação da própria qualidade de vida.

Na área do centro de Vitória existem agentes públicos, privados e individuais interagindo. Existem, além disto, mais interesses econômicos privados do que públi-



cos. Assim, nada mais justo e correto que os agentes econômicos (lojistas, proprietários de apartamentos, comerciantes, bancos, escritórios, serviços, profissionais liberais) se juntem as forças sociais (associações de moradores, sindicatos, clubes, centros e entidades) para apoiar e assumir a vontade política, social, econômica e cultural de revitalizar a área do Centro, o que vai reverter em prol de cada um e de todos ao mesmo tempo.

A política de revitalização e de intervenção em áreas da cidade deve ser participativa e integrada, para propiciar um melhor resultado, ou seja, é a ação conjunta da iniciativa privada, da população residente e dos usuários em geral, com a coordenação da administração pública, no desenvolvimento das ações necessárias ao resgate da qualidade de vida urbano-ambiental.

Neste tipo de abordagem a iniciativa privada passa a ser fundamental e decisiva para a participação dos empresários e população, atraindo tanto os investimentos necessários quanto a confiança do público.

A iniciativa privada, bem como as entidades representativas, têm o importante papel de assessorar, orientar e impulsar os setores interessados no processo, participando da coordenação dos planos, projetos e ações e apoiando sua execução, definindo e divulgando os resultados pretendidos e alcançados.

A política do estado paternalista, todo-poderoso, perde o total senti-

do numa sociedade democrática. E ser democrático é participar mais além do ato de votar. Participar não só pelo interesse próprio, mas também pelo coletivo. Ser democrático é amar e respeitar o meio ambiente que é de todos.

A política democrática e integrada para as intervenções públicas não se refere apenas à participação do público interessado e diretamente atingido. Trata os diferentes problemas e questões suscitadas de forma articulada e simultânea com efeitos social, econômico, habitacional e cultural, que se multiplicam e norteiam a vida da população da área. Para tal, articula ações que vão desde intervenções físicas arquitetônicas e urbanas até socio-culturais, que vão terminar no objetivo final que é a revitalização da própria vida, no plano físico, e do orgulho do habitante da cidade como um todo, no plano psicológico.

Uma cidade degradada reflete uma população obscura e triste. Uma cidade revitalizada reflete uma população dinâmica e sadia.

Seria inútil e até inócua perguntar, mas não custa nada repetir para reafirmar o que preferimos: seremos insalubres e tristes ou ativos e sadios?

O que a sabedoria popular nos ensina é que o poder do pensamento e da ação positiva "remove montanhas" e sana muitas doenças. E revitalizar o centro de Vitória é atuar no sentido de melhorar, e em muito, o meio ambiente e a qualidade de

vida, não só do habitante do Centro desta bela Ilha, mas também de toda a população da Grande Vitória, usuária, permanente ou transitória, do centro histórico de uma das cidades mais antigas do país.

E a Cidade Alta na área do centro de Vitória é o único sítio urbano ainda existente no Brasil que permite compreender a estrutura militar que predominou, no urbanismo em certa época, não só aqui no Brasil no primeiro século da colonização portuguesa, mas também em todo mundo. Fato de indiscutível valor para pesquisadores, arquitetos e urbanistas.

Não é à toa que nas alturas do topo da Cidade Alta foi construída a primeira Igreja Matriz no século XVI, onde hoje está situada a Catedral Metropolitana de Vitória. Símbolo do predomínio de Deus sobre os homens.

E se Ele, no alto de sua sabedoria, nos orientasse, hoje, tenho certeza que diria que é o momento de aproveitarmos a vontade política existente na atual administração municipal para revitalizar o centro de Vitória onde foi construída a primeira casa de Deus e melhorar nosso meio ambiente e nossa qualidade de vida, porque o amanhã... ninguém sabe.

Douglas Cerqueira Gonçalves é consultor técnico da Secretaria Municipal de Obras e da Companhia de Desenvolvimento de Vitória